Religare 9 (2), 195-204, Dezembro de 2012

MORTE NO HINDUÍSMO: TRANSMIGRAÇÃO E LIBERTAÇÃO

DEATH IN HINDUISM: TRANSMIGRATION AND LIBERATION

Lúcio Valera
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Nesse artigo temos uma discussão sobre a questão da morte nas tradições do Hinduísmo. O tema da morte sempre constituiu um mistério. Inconscientemente rejeitamos sua ocorrência, pois intuímos a continuidade da existência. O Hinduísmo considera esse inconformismo com a morte como uma indicação da eternidade da alma. A imortalidade pode ser vista, segundo os ensinamentos da *Bhagavad-gītā*, em duas perspectivas: a da transmigração da alma e a da libertação da existência material. Uma jornada com retorno, e uma jornada sem retorno e em direção ao eterno. Na plataforma da auto realização há o reconhecimento da existência continuada do ser, da consciência ou conhecimento ilimitado e da satisfação estética infinita. Ou seja, a morte do corpo e a perda dos prazeres dos sentidos temporários pode não representar em última análise, um prejuízo. Porque há a possibilidade de se manifestar um ganho maior, não há motivo para medo e ansiedade. A passagem para outro corpo é algo tão natural, como ir para outro lugar diferente.

Palavras chave:
Hinduísmo, morte, transmigração, libertação, salvação.

Abstract: In this work we will discuss about the problem of death in the traditions of Hinduism. The theme of death always has been a great mystery to all. Unconsciously we reject this incident, because we have the intuition that our existence will last forever. This not acceptance of the death is considered by the Hinduism as a token of the soul's eternity. According to the *Bhagavad-gītā*, the immortality of the soul can be seen from two different perspectives: of the transmigration and of the liberation from the material existence. One is a journey with return, and the other a journey without return, in the direction of the eternal. In the platform of self-realization there is an acceptance of the continuous existence of the self, of the unlimited consciousness or knowledge, and of the infinite aesthetical satisfaction. This is to say, the death of the body and the accordingly loss of the temporary sense enjoyments cannot be considered as a definite lost. Because there is a possibility to attain a superior gain, these in no reason to fear and anxiety. The passage to other body so natural as to go to a different place.

Key words: Hinduism, death, transmigration, liberation, salvation.

asato mā sad gamaya, tamaso mā jyotir gamaya, mrityor mā 'mritam gamaya.
"Do irreal conduz-me ao real. Das trevas conduz-me à luz. Da morte conduz-me à imortalidade" (*BAU*, I. 3.28).

Esta prece dos *Vedas* proclama o desejo humano de viver plenamente o real, de ter a consciência iluminada e de sobreviver eternamente, conquistando a morte. Certa ocasião**,** Yudhisthira Mahārāja, um grande rei sábio, foi questionado por Yama, a personificação da morte, para responder à seguinte pergunta: "Qual é coisa mais maravilhosa deste mundo?" Ao que Yudhisthira respondeu prontamente: "Todo dia centenas e milhões de entidades vivas entram no reino da morte. Mesmo assim, as que ficam aspiram por uma situação permanente. O que poderia ser mais maravilhoso que isto?" (Mbh. *Vana-parva*, 313.116).

No Hinduísmo este inconformismo com a morte sempre foi visto como uma indicação da eternidade da alma. Inconscientemente não podemos aceitar a morte, pois intuímos nossa imortalidade. A *Bhagavad-gītā* declara que "a alma é não nascida, eterna e sempre existente" (Bg. II. 20).

Ainda assim, sofremos, pois este é o preço do apego ao corpo material e às coisas não permanentes. Com autoconhecimento, se deve questionar, discriminar e encontrar a compreensão que torne a morte aceitável.

O ser eterno e a morte do corpo

Compreender nossa identidade como algo à parte do corpo, que "eu não sou este corpo, mas sim uma alma espiritual é uma realização essencial para qualquer pessoa que deseja transcender a morte e entrar no mundo espiritual que está mais além" (Prabhupāda, 1986, p. 1) é o primeiro passo na auto realização. Essa é preocupação de todos os místicos, seja no Ocidente, seja no Oriente. Mas, embora se possa compreender teoricamente que não somos esses corpos, mas o si-mesmo, que é consciente do corpo, ainda assim todos se identificam com a vestimenta corpórea. O Hinduísmo busca, portanto, na experiência prática, estruturar a vida da pessoa, por meio de vários processos, para que ela possa realizar a sua natureza (*svarupa*) enquanto alma espiritual (*ātman*).

O Hinduísmo não vê a vida como mero sintoma de condições que a torna possível, mas sim, decorrente da presença no corpo da alma espiritual, e considera desconcertante acreditar no *karma* sem aceitar os conceitos da alma individual (*jīvātmā*) e seu renascimento (*punar-janma*).

Śrī Krishna, na *Bhagavad-gītā*, estabelece inequivocamente a imortalidade da alma, quando declara, para seu amigo e discípulo Arjuna que: "Nunca houve um tempo em que Eu não existisse, nem tu, nem todos esses reis; e no futuro nenhum de nós deixará de existir" (Bg. II. 12). "Deves saber que aquilo que penetra o corpo inteiro é indestrutível. Ninguém é capaz de destruir a alma imperecível" (Bg. II. 17).

Não é possível entender os conceitos da morte e o renascimento do Hinduísmo, sem saber a diferença entre a alma (*ātmā*) permanente e o corpo material temporário. A *Bhagavad-gītā* explica a natureza da alma com a seguinte analogia: "Assim como o Sol ilumina sozinho todo esse Universo, do mesmo modo, a entidade viva, sozinha dentro do corpo, ilumina o corpo inteiro através da consciência" (Bg. XIII. 34).

A consciência evidencia concretamente a presença da alma dentro do corpo. Num dia nublado, o Sol pode não estar visível, mas sabemos que ele está lá no céu, através da presença da luz solar. Analogamente, podemos não ser capazes de perceber diretamente a alma, mas podemos concluir que ela existe pela presença da consciência. Na ausência da consciência, o corpo é simplesmente um monte de matéria morta. Somente a presença da consciência faz com que esse monte de matéria morta possa respirar, falar, amar e temer.

Essencialmente, o corpo é um veículo para a alma, por meio do qual ela pode satisfazer seus desejos. A alma dentro do corpo está "sentada em uma máquina feita de energia material" (Bg. XVIII. 61). Ela se identifica falsamente com o corpo, transportando suas diferentes concepções da vida de um corpo para outro, assim como o ar transporta os aromas. Do mesmo modo, como um automóvel não pode funcionar sem o motorista, igualmente, o corpo material não pode funcionar sem a presença da alma.

A *Bhāgavad-gītā* explica claramente a diferença entre o que é real e o que é irreal: "não há continuidade para o inexistente, nem cessação para o existente" (Bg. II. 16). O corpo material vem a existir em certo momento, cresce, amadurece, gera subprodutos (filhos) e

gradualmente degenera e morre. O corpo físico, neste sentido, é irreal, pois ele desaparecerá no devido tempo. Mas, apesar de todas as mudanças do corpo material, a consciência, o sintoma da alma que está dentro, permanece imutável. Conclui-se, portanto, que a consciência possui a qualidade inata de permanência, que lhe permite sobreviver às mudanças e destruição do corpo. Sri Krishna afirma: "para a alma nunca há nascimento nem morte... ela não é aniquilada quando o corpo é aniquilado" (Bg. II. 20).

Mas, se a alma "não é aniquilada quando o corpo é aniquilado," então o que acontece com ela? Segundo a *Bhagavad-gītā,* ela entra em outro corpo: "Assim como, neste corpo, a alma corporificada seguidamente passa da infância à juventude e à velhice, do mesmo modo, chegando à morte, a alma passa para outro corpo. Uma pessoa ponderada não fica confusa com essa mudança" (Bg. II. 13). "Da mesma forma que alguém veste roupas novas, abandonando as antigas, a alma aceita novos corpos materiais, abandonando os velhos e inúteis" (Bg. II. 22).

Dessa forma, a alma permanece enredada no *samsara*, o ciclo interminável de nascimentos e mortes, pois, "para aquele que nasceu, a morte é certa; e para aquele que morreu, o nascimento é certo" (Bg. II.27).

As entidades vivas nascem perpetuamente em várias espécies de vida, de acordo com a natureza de seus desejos, pois, segundo a *Bhagavad-gītā*: "Qualquer que seja o estado de existência de que alguém se lembre ao deixar o corpo, esse mesmo estado ele alcançará impreterivelmente" (Bg. VIII.6). Tudo o que pensamos e fazemos durante nossa vida deixa uma impressão na mente, e a soma total de todas essas impressões influencia nossos pensamentos finais na hora da morte.

Estas influências são causadas pelos *gunas*, "cordas" ou modos da Natureza material. Eles são as três polaridades ou qualidades básicas constitutivas da Natureza material, assim como a luz branca é composta de três cores básicas. Os *gunas* são: *rajas* - paixão, atividade ou expansão; *tamas* - ignorância, inação ou escuridão; e *sattva* - bondade, harmonia ou luz. *Sattva* conduz para cima, *rajas* mantém no meio, *tamas* leva para baixo.

A *Bhagavad-gītā* esclarece que estas qualidades da natureza material funcionam sob o controle divino e prendem as almas neste mundo: "Esta energia divina, que consiste nos três modos da natureza (*gunas*), é difícil de ser superada" (Bg. VII.14). Sua influência sobre almas encarnadas é total: "A natureza material consiste de três modos – bondade (*sattva*), paixão (*rajas*) e ignorância (*tamas*). Ao entrar em contato com a natureza, ó Arjuna de braços poderosos, a entidade viva eterna condiciona-se a esses modos" (Bg. XIV.5).

Consequentemente, de acordo com a qualidade de nossos pensamentos, na hora da morte, recebemos da Natureza material um corpo adequado. A *Bhagavad-gītā* explica como a influência dos *gunas* na consciência, e o apego a eles determinam a natureza do nascimento da pessoa: "Quando alguém morre no modo da bondade (em *sattva*), ela atinge os mundos superiores e puros, onde residem os grandes sábios" (Bg. XIV.14). "Quando alguém morre no modo da paixão (em *rajas*), nasce entre os que se ocupam em atividades fruitivas; e, quando morre no modo da ignorância (em *tamas*), nasce no reino animal" (Bg. XIV.15). "Dessa forma, a entidade viva dentro da natureza material segue os caminhos da vida, desfrutando os três modos da natureza. Isto decorre de sua associação com essa

natureza material. Assim, ela se encontra com o bem e o mal, entre as várias espécies de vida" (Bg. XIII.22).

O tipo de corpo que se tem agora é a expressão tanto da influência causada pelos *gunas* na consciência, quanto do mérito acumulado das ações (*karma*) em vidas passadas. Esse *karma* é definido como: "*Karma* é a ação que desencadeia o desenvolvimento dos corpos materiais das entidades vivas" (Bg. VIII.4).

Assim, a *Bhagavad-gītā* explica que: "A entidade viva, aceitando esse outro corpo grosseiro, obtém certo tipo de ouvido, olho, língua, nariz e sentido do tato, que se agrupam ao redor da mente. Ela, então, desfruta de um conjunto específico de objetos dos sentidos" (Bg. XV.9).

Portanto, segundo o hinduísmo tradicional, o caminho da transmigração nem sempre leva para o alto; o ser humano não tem garantia de um nascimento humano ou divino em sua próxima vida. Por exemplo, se alguém morre com mentalidade de um cachorro, então, em sua próxima vida, receberá os olhos, ouvidos, nariz etc. de um cachorro, para que ele desfrute de prazeres caninos. Krishna confirma tal destino dizendo*:* "Quando morre no modo da ignorância, nasce em corpo irracional, como de um animal" (Bg. XIV.15).

Na *Bhagavad-gītā*, encontramos que os seres humanos que não indagam sobre sua natureza metafísica, superior, são compelidos pela lei do *karma* a continuar o ciclo de nascimentos, mortes e renascimentos, aparecendo ora como humanos, ora como animais ou plantas. Nossa existência no mundo material deve-se às múltiplas reações cármicas desta vida e das anteriores, e o corpo humano fornece a única saída através da qual a alma pode escapar. Por utilizar propriamente a forma humana de vida, procura-se resolver todos os problemas da vida (nascimento, velhice e morte) e quebrar o ciclo interminável de renascimentos. Esta seria a missão da vida humana: *athāto brahma-jijñāsā,* "questionar sobre a Verdade Absoluta" (VS. I.1.1).

Os corpos ou coberturas da alma

Na tradição védica, identificam-se os corpos materiais da alma com os *kośas,* termo sânscrito que significa "invólucro, cobertura, ou recipiente". O conceito dos "cinco invólucros" (*pañca-kośa*) constitui um paradigma quântico que vê a alma condicionada e acondicionada em um organismo psicofísico multidimensional. Isso pode ser encontrado nos textos das *Upaniṣads* (*TaiU,* 2.2-5; 3.10.5). Seriam roupagens que revestem a alma quando ela está condicionada neste mundo material.

A *Gītā* explica que a identidade da alma é ser eternamente parte integrante fragmentária da Divindade: "As almas condicionada neste mundo são Minhas eternas partes fragmentárias. Por força da vida condicionada, elas empreendem árdua luta com os seis sentidos, entre os quais se inclui a mente" (Bg. XV.7).

Assim como o involucro físico permite que as almas possam viver na dimensão física, os invólucros sutis possibilitam a sua vida em vários planos de existência, como nos sonhos, transes, desdobramentos e regressões psíquicas, e, depois da morte, viver nas dimensões ou mundos sutis.

Os *kośas*, em ordem de maior sutileza, são: 1) *Anna-maya kośa:* "invólucro de alimento" – é o corpo físico, também chamado de *sthula-śarīra* "corpo denso"; 2) *Prāna-maya kośa:* "invólucro de *prāna* (energia vital)" – é o corpo vital, onde se aloja os sentidos, ele é etéreo e coexiste com o corpo físico, como sua

fonte de energia e vitalidade, e faz a conexão com os invólucros mais sutis; 3)*Mano-maya kośa:* "invólucro de mente" – é o corpo emocional ou o sentido interno, onde se processam as emoções, sentimentos, pensamentos e desejos; 4) *Vijñāna-maya kośa:* "invólucro de sabedoria" – é o corpo intelectual, onde reside a memória, a discriminação, a criatividade, a compreensão e a intuição; 5) *Ānanda-maya kośa:* "invólucro de bem-aventurança" – é o corpo causal, onde pode ser realizada a identidade e individualidade da alma, o local da consciência pura ou transpessoal.

O termo "corpo sutil" geralmente indica os invólucros que constituem o corpo sutil, não-físico, da alma, chamado em sânscrito de *sukṣma śarīra*, e inclui os seguintes invólucros: *prāna-maya kośa, mano-maya kośa* e o *vijñāna-maya kośa*. Ele permite que a alma atue na dimensão ou plano astral. Na hora da morte, envolvida pelos invólucros energético (*prāna-maya*), emocional (*mano-maya*), intelectual (*vijñāna-maya*) e causal (*ānanda-maya*) do corpo sutil, a alma deixa o seu invólucro físico (*anna-maya*).

O fenômeno da morte

No Hinduísmo descreve-se a morte como *mahā-prasthāna*, a grande partida. É uma experiência muito intensa e determinada pela qualidade da morte da pessoa. Há quem tenha visões, que variam da experiência de encontrar-se com seres assustadores – descritos como *yamadūtas*, "mensageiros da morte", que arrancam à força a alma apegada ao corpo – à experiência de ser conduzido harmoniosamente por um túnel de luz, em cujo fim há seres divinos. Quem teve a experiência de quase-morte nos dá o testemunho desses encontros transformadores.

A morte é uma série de mudanças pelas quais todos passam, e como a separação da alma do seu corpo físico, torna-se o ponto inicial da jornada para uma vida nova e melhor. A morte não é o fim da personalidade e da autoconsciência. Ela meramente abre a porta para outra forma de vida. A morte quando experimentada de forma consciente pode tornar-se o portal para a plenitude da vida.

Para o Hinduísmo, o nascimento e a morte são meros ardis de *Māyā*, o aspecto ilusório da energia material. Na realidade, vida é morte, e morte é vida, pois quem nasceu já começou a morrer, e quem morreu já começou a viver. Isso é dito na *Bhagavad-gītā*: "certa é a morte do que nasce, e certo é o nascimento do que morre" (Bg. II.27).

Quando, por algum motivo, a alma (*jīvātmā* ou *jīva*) tem de abandonar definitivamente o corpo físico (*anna-maya-kośa*), os canais (*nādīs*), onde circulam os ares vitais (*prānas*), perdem o vigor e ficam incapacitados de expandir-se e contrair-se, para exalar e inalar o ar. Assim, o corpo perde sua harmonia e fica agitado. Então, o ar inalado não sai adequadamente, nem o ar exalado entra novamente no corpo. Assim, a respiração para. E, com a parada da respiração, surge a inconsciência, e considera-se então que ocorreu a morte.

Nesse momento, todos os desejos e ideias se retraem, pois o *jīva* carrega dentro de seu corpo sutil (*sukṣma śarīra*) todos os seus *vāsanās*, que são os desejos ou impressões mentais do passado. Com a morte do corpo físico, os *prānas*, que carregam as coberturas mais sutis – e, dentro delas, a própria alma – saem do corpo e vagam pelo ar.

Considera-se que a atmosfera está saturada de uma enormidade

de *prānas* que levam dentro de si os *jīvas*, que, por outro lado, comportam potencialmente dentro delas todas as suas experiências de vida. Naquele momento, o si-mesmo ou alma individual, com todos os *vāsanās* dentro de si, passa a ser denominada de *preta* (quem foi para o outro mundo). Nas *Upaniṣads* e na *Bhagavad-gītā***,** encontramos mais detalhes de como a alma muda de corpos:

"Quando a alma parte do corpo, o ar vital a segue; e quando o ar vital parte, é acompanhado de todos os sentidos. Então**,** a alma adquire um tipo especifico de consciência e passa ao corpo adequado a essa consciência. Ela é seguida pelo conhecimento, *karma* e impressões latentes passadas" (BAU, IV.4.2). "Assim como uma lagarta na grama, chegando ao fim da folha, retrai-se e busca outro suporte, da mesma forma este *ātmā* deixando o corpo atual, que fica inconsciente, retrai-se e aceita um novo corpo" (BAU, IV.4.3). "Assim como alguém veste roupas novas, abandonando as antigas, a alma aceita novos corpos materiais, abandonando os velhos e inúteis" (Bg. II.22). "Assim como um artesão, pegando um pouco de ouro, molda outra forma - mais nova e melhor -, da mesma forma**,** este *ātmā* deixando o corpo atual, que fica inconsciente, cria outra forma - mais nova e melhor -, como a dos manes (*pitris*), cantores celestiais (*gandharvas*), deuses (*devas*), Prajāpati e Brahmā... Como faz e age, assim a pessoa se torna. Fazendo o bem, ela se torna boa, e fazendo o mal, ela se torna má; torna-se virtuosa por ações virtuosas e torna-se viciosa por ações viciosas" (BAU, IV.4.4).

Os destinos da alma

Depois da morte, segundo natureza de sua consciência e o mérito cármico de suas atividades passadas, a pessoa toma rumos diversos. A *Bhagavad Gītā* descreve dois caminhos principais: *devayāna* e *pitriyāna*.

O primeiro deles, chamado de *devayāna*, é o caminho dos deuses, que é trilhado por almas espiritualmente avançadas. Estas levaram uma vida extremamente pura, devotando-se integralmente à meditação no Absoluto (*Brahman*), mas, apesar de possuírem conhecimento espiritual, não conseguiram obter auto realização plena (*jīva-mukti*) antes da morte. Elas, então, são conduzidas para *Brahmaloka*, o sistema planetário mais elevado do universo material, e, de lá, no devido tempo, obtêm a liberação. Esse caminho é o caminho que não têm volta e é descrito no *Chāndogya Upaniṣad*: "Então, aqueles que estão em conhecimento e aqueles que, vivendo na floresta, seguem uma vida de fé e austeridades vão para a luz, da luz para o dia, do dia para a quinzena clara, da quinzena clara para os seis meses em que o Sol está ao Norte" (ChU, V.10.1). "Dos meses, eles vão para o ano, do ano para o Sol, do Sol para a Lua, e da Lua para o relâmpago. Lá, uma pessoa não humana conduz a alma para o *Brahman*. Esse é o caminho dos deuses" (ChU, V.10.2).

O segundo, conhecido como *pitriyana*, é o caminho dos antepassados, que é seguido pelas almas que, seguindo os rituais prescritos nas escrituras, foram muito caridosas e piedosas, cultivaram desejo pelo resultado de suas caridades, austeridade, votos e adoração. Seguindo esse caminho, elas são conduzidas para *Chandraloka*, a região lunar, onde podem desfrutar de imensa felicidade como recompensa por suas ações virtuosas. Entretanto, quando o saldo cármico se exaure, elas têm de voltar para a Terra, visto ainda terem desejos terrenos. Esse caminho também é des-

crito no *Chāndogya Upaniṣad*: "Mas, aqueles que vivem em vilas, praticando sacrifícios e trabalhos de utilidade pública e de caridade, vão para a fumaça (*dhūma*), da fumaça para a noite (*rātri*), da noite para a quinzena escura, da quinzena escura para os seis meses em que o Sol está ao Sul. De lá, eles não alcançam o ano" (ChU, V.10.3). "Dos meses, eles vão para o mundo dos antepassados, do mundo dos antepassados, para o espaço, do espaço para a Lua." (ChU, V.10.4). "Residindo ali até esgotar o resultado de suas ações, elas voltam novamente pelo mesmo caminho por aonde vieram" (ChU, V.10.5).

Além desses dois caminhos, há um terceiro caminho, que conduz ao inferno, trilhado por almas que levaram uma vida impura e pecaminosa, com consciência degradada, e que executaram atividades proibidas pelas escrituras. Depois de alcançarem umbrais ou dimensões infernais, elas renascem em espécies inferiores, muitas vezes animais e vegetais, para sofrerem e satisfazerem seus desejos inferiores. Isto é explicado na mesma *Upaniṣad*: "Mas, aqueles cujo resíduo cármico é mau, logo nascem em ventres inferiores, como o de um cachorro, porco ou pária" (ChU, V.10.7). Mas, ainda assim, depois da expiação de suas atividades pecaminosas, elas renascem em corpos humanos.

Os místicos *yogīs* ou *bhaktas* que alcançaram a perfeição espiritual e se liberaram ainda em vida (*jīvan muktas*) não são conduzidos por nenhum desses caminhos, mas, de acordo com a natureza de sua liberação – se ela é impessoal ou pessoal -, eles obtêm o destino supremo (*Paraṅgati*), fundem-se na existência e imanifesta do Absoluto (*Param Jyoti*), ou são resgatados pessoalmente pela Personalidade da Divindade (*Bhagavan*), que os abriga em sua morada espiritual (*Param Dhama*).

Compara-se o morrer com o dormir, e as experiências do pós-morte, com os sonhos. Assim como os pensamentos e ações acontecidos no estado de vigília determinam a natureza dos sonhos, da mesma forma, depois da morte, a alma experimenta o resultado dos pensamentos acalentados e das ações executadas durante sua vida na Terra. As experiências do pós-morte são reais para a alma, assim como um sonho é real para o sonhador, e ninguém pode determinar a sua duração.

Segundo as escrituras védicas, algumas almas renascem como seres humanos logo depois da morte, sem passar pela experiência do paraíso ou inferno. A questão de renascimento da alma em formas inferiores à humana, apesar de ser considerado um lapso, não constitui um retrocesso na evolução espiritual da alma para o autoconhecimento ou amor místico. O que deve ser compreendido é que a próxima vida é determinada pela consciência da pessoa na vida presente, que, por sua vez, determinaria o último pensamento da pessoa na hora da morte. O último pensamento do moribundo inevitavelmente reflete seu desejo mais intimo. A *Bhagavad-gītā* afirma: "Qualquer que seja o estado de existência do qual alguém se lembre, ao deixar o corpo, ó filho de Kunti, esse mesmo estado ele alcançará impreterivelmente" (Bg. VIII.6).

Krishna também descreve a posição daqueles que adotam *bhakti*, o caminho da devoção pura, e dependência à Personalidade da Divindade: "Os devotos que conhecem estes dois caminhos [*devayāna* e *pitriyāna*], ó Arjuna, nunca se confundem. Portanto, mantém-te sempre fixo na devoção" (Bg. II.27).

Conceitos hindus do pós-morte

As *Upaniṣads* falam da essência imutável e consciente de todos os seres, plurais ou singulares, como a "alma" ou o "si-mesmo". Isso, em Sânscrito recebe o nome *ātman*. Essa alma seria o "ser interior consciente" dentro de cada um de nós, identificada ontologicamente (quando a sua natureza de "ser" ou "existir") com o *Brahman*.

O *Brahman* seria o Ser absoluto e supremo, a Divindade em seu aspecto unitário, além de todas as particularidades. Mas, quando a Divindade suprema, identificada ontologicamente com o *Brahman*, é observada do ponto de vista da consciência (psicologicamente), Ela é descrita como o *Ātman* supremo. Por isso, as *Upaniṣads* descrevem a unidade dos dois, pois se tratam de dois aspectos da mesma realidade: "este *Ātmā* é na verdade o *Brahman*" (BAU, IV.4.5).

Do ponto de vista do Absoluto, *Ātmā* é o próprio *Param-ātmā*, o Si-mesmo supremo, a Superalma, a Divindade em sua onipresença e onisciência. Mas, quando observado da perspectiva relativa e individual, da pluralidade dos seres ou centelhas espirituais, *ātmā* é *jīvātmā*, a alma ou entidade viva consciente individual. A alma individual (*jīvātmā*) seria igual à Divindade quanto ao "ser" (*sat*), mas seria diferente quanto à "consciência" (*cit*).

Nas *Upaniṣads*, mostram-se as diferenças entre dois tipos de almas – ambas eternas, mas, uma Absoluta, e outras relativas; uma singular, e outras plurais; uma independente, e outras dependentes: "Eterno entre os eternos, Consciente entre os conscientes, Um entre os muitos, Ele satisfaz os desejos de todos." (KU, V.13).

Apesar da sua natureza espiritual e transcendente, de seu ser não poder ser afetado pelas variações do tempo e espaço, ainda assim, a consciência do *jīvātmā*, por ser fragmentária, quando se esquece de sua relação com o *Paramātmā,* ele é influenciado pela energia material. Com isso, ele se envolve no ciclo de *samsara* (roda de nascimento e mortes).

O que prende a todos no ciclo de *samsara* é a lei do *karma*. Em sua forma mais simples, a lei do *karma* age impessoalmente, como uma lei natural, assegurando que toda ação, seja ela boa ou má, eventualmente retorne ao indivíduo na forma de recompensa ou punição proporcional à natureza da ação executada.

A necessidade de "colher os frutos do *karma*" é o que obriga os seres humanos a nascer novamente (*punar-janma*), reencarnando em vidas sucessivas. Em outras palavras, se alguém morre antes de colher os frutos de suas ações passadas, o processo cár-mico forçará o seu retorno em vida futura. Voltar em outra vida também possibilita que as forças cármicas recompensem ou punam a pessoa através das circunstâncias de seu nascimento. Assim, por exemplo, quem foi generoso em uma vida poderá retornar como alguém muito próspero na sua próxima reencarnação.

Considerando a sua diversidade religiosa, que vai da execução de sofisticados rituais, passando por formas austeras de disciplinas de autoconhecimento, *yoga* e meditação e, chegando à devoção mística, o Hinduísmo busca a emancipação na hora da morte, como a meta suprema de todos os esforços humanos.

Emancipação para a tradição ritualística do *Karma Mārga* (caminho das ações fruitivas), representado pela tradição sacerdotal dos brâmanes, busca, por meio da correta hermenêutica das escrituras védicas, a execução adequada dos ritos e a entoação correta dos *mantras*, para elevar o praticante às dimensões celestiais dos deuses e

depois obter melhor renascimento nesse mundo. Nesta tradição ritualista, emancipação não seria o fim do ciclo de nascimento e mortes, mas sim obter uma condição de maior felicidade possível, em outra vida.

A tradição gnóstica do *Jñāna Mārga* (caminho do conhecimento), que se identifica com a escola *Smarta* do *Vedānta Advaita*, considera que a meta final da existência é alcançar *mokṣa*, termo em Sânscrito que indica a liberação do ciclo infinito de nascimento e mortes. O que acontece com a pessoa quando ela obtém *mokṣa*? Nessa tradição, acredita-se que, com *mokṣa*, o *ātman* individual funde-se no *Brahman* universal.

Utiliza-se a imagem da gota d'água que cai no oceano e perde sua individualidade. A gota torna-se igual ao oceano. Apesar de ser muito utilizada, esta metáfora não expressa bem o sentido de fundir-se. Em vez da perda da individualidade, a compreensão das *Upaniṣads* é a de que o *ātman* nunca existe separado do *Brahman*. Portanto, o sentido de separação é que é ilusório, e *mokṣa* é o despertar desse sonho de separação.

A tradição mística do *Yoga Mārga* (caminho do misticismo), representada por austeros renunciantes, busca, por meio do controle das funções psicofísicas, elevar a consciência para o estado de *Samādhi*, transe místico que conduz ao *mokṣa*, a liberação do ciclo de nascimentos e mortes.

A tradição devocional do *Bhakti Mārga* (caminho da devoção amorosa) considera Deus como uma Deidade pessoal eterna, misteriosamente imanente e transcendente, supremamente amorosa e que, por sua graça, corresponde à adoração devocional de seu devoto. A emancipação no teísmo devocional não é uma bem-aventurança estática e abstrata, causada pela fusão da identidade individual da alma no oceano da refulgência do *Brahman*. Pelo contrário, a tradição devocional considera que as almas liberadas participam eternamente de uma relação bem-aventurada com a Divindade, em sua morada eterna, o Céu espiritual (*Param-vyoma*). Apesar desse mundo místico de amor espiritual, de alguma forma, lembrar o Paraíso eterno das religiões ocidentais, não deve ser confundido com o paraíso temporário dos deuses (*devas*) e dos antepassados (*pitris*).

Juntamente com a existência de regiões celestiais, destinado aos justos e piedosos, no Hinduísmo, há o conceito bem desenvolvido de dimensões infernais, nas quais as pessoas pecaminosas são punidas psiquicamente. Muito dos tormentos que acontecem nas regiões infernais do Hinduísmo fazem lembrar os infernos semita-cristãos, bem ao estilo dos *Infernos de Dante*. Mas, com sua devida diferença, pois os infernos hindus não são destinos definitivos para a alma. Seriam mais como purgatórios, onde as almas experimentariam uma forma limitada de sofrimento, determinada pelo seu *karma* e com propósito corretivo para possibilitar sua evolução espiritual. Depois de cumprir sua pena cármica, a alma poderia sair do inferno e voltar a participar do ciclo de reencarnação.

Considerações finais

Sentir medo em face da experiência inevitável da morte é consequência da ignorância da verdadeira natureza da alma espiritual, das possibilidades de ela viver em diferentes dimensões e o próprio processo transformador dessa experiência. *Punarjanma*, o renascimento que liga uma vida a outra, reduz qualquer morte particular a um

mero incidente dentro de uma série indefinida de incidentes.

Então, o que teria valor para o *jīvātmā* eterno não seria seu corpo material temporário e as parafernálias ligadas a ele, como família, bens materiais e posição social, mas sim a própria essência de eternidade, consciência e bem-aventurança.

Assim como quem consegue algo superior, ele não tem dificuldade alguma de abandonar as coisas inferiores. Da mesma forma**,** quem está situado em autoconhecimento, na plataforma espiritual, consegue facilmente situar-se além dos prazeres materiais temporários.

Na plataforma da auto realização, o místico também sente prazer (*ramante*), porém, seu prazer é infinito (*anante*). Isso é explicado no *Padma Purāṇa*: "a felicidade dos místicos é ilimitada e real, pois vêm da Verdade Absoluta".

Porque na plataforma da auto realização há o reconhecimento da existência continuada do ser (*sat*), da consciência ou conhecimento ilimitados (*cit*) e da satisfação estética infinita (*ānanda*), a morte do corpo e a perda dos prazeres dos sentidos temporários não representam ultimamente uma perda. O que ocorre é manifestação de um ganho maior. Portanto, não há motivo para medo e ansiedade. Morrer é algo tão natural e normal, que jamais se considera o "morto" como tal. Ele apenas foi para outro lugar, para outra dimensão. Foi morar em outro lugar.

Abreviaturas:

BAU	*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*
Bg	*Bhagavad-gītā*
ChU	*Chāndogya Upaniṣad*
KU	*Kaṭha Upaniṣad*
Mbh	*Mahābhārata*
TaiU	*Taittirīya Upaniṣad*
VS	*Vedānta Sūtras*

Bibliografia

BALADEVA. *The Vedanta-Sutras of Badarayana*, trad. Rai Bahadur Srisa Chandra Vasu. New Delhi: Oriental Books, 1979

OSBONE, Arthur. *The collected Works of Ramana Maharshi*,. New York: Samuel Weiser, 1997.

PRABHUPADA, A.C. Bhaktivedanta Swami. *O Bhagavad-Gita como ele é*. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 1986.

_____. *Além do nascimento e da morte*. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 1986.

RANGARAMANUJA, Sri. *Kathopanisad*, Tirupati: Tirumala Tirupati Devasthanams, 1984.

SARVANANDA, Swami. *Taittiriyopanisad*. Madras: Ramakrishna Math, 1982.

SENART, Êmile. *Brhad Aranyaka Upanisad*. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

SWAHANANDA, Swami. *Chandogya Upanisad*. Madras: Sri Ramakrishna Math, 1956.

The Garuda Purāna, A Board of Scholars, 3 Vol. Delhi: Motilal Banarsidass, 1978/79/80.

Sobre o autor:

Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de fora, Juiz de Fora, MG.

E-mail: lokasaksi@gmail.com